

MR03: A Descolonização do Conhecimento na Antropologia

Coordenação: Gustavo Lins Ribeiro (UAM-L, UnB)

Debatedor/a: Antonádia Monteiro Borges (UFRRJ)

Participantes: João Pacheco de Oliveira (MN/UFRJ), Cristiana Bastos (Universidade de Lisboa), Gustavo Lins Ribeiro (UAM-L, UnB)

Resumo:

O aperfeiçoamento teórico, epistemológico, metodológico, profissional e político da antropologia, pressupõe um alerta permanente e cambiante quanto às diferentes formas de reproduzir a disciplina em todos estes planos. Após décadas de críticas pós-coloniais, decoloniais e do projeto das antropologias mundiais, a disciplina volta a enfrentar o problema dos colonialismos e como estes violentos processos de longa duração continuam afetando nossas práticas. O que significa descolonizar a antropologia no Brasil e fora dele? Ao tratar de responder essa pergunta ampla, nossa Mesa Redonda pretende contribuir para um debate central para o presente e futuro antropológicos.

Descolonização do conhecimento e Pós-imperialismo

Autoria: Gustavo Lins Ribeiro

Colonialismo e imperialismo são duas faces de antigos processos históricos de expansões demográficas, econômicas, políticas e culturais. Eles foram impulsionados pelo desenvolvimento do sistema mundial capitalista após seu início no século XVI. Em consequência, o que hoje é chamado de Américas tornou-se uma enorme colônia de povoamento, invadida por espanhóis, portugueses, ingleses e franceses. A resistência nativa e afro-diaspórica ao empreendimento colonial tem sido comum desde então e inclui conflitos armados, bem como formulações discursivas de intelectuais e líderes políticos. A descolonização deveria significar o fim do colonialismo com o advento da independência política. No entanto, poderosas estruturas coloniais continuam afetando a vida pós-colonial. Mencionarei alguns esforços latino-americanos para descolonizar o conhecimento e a política, como a colonialidade do poder, o Buen Vivir/Vivir Bien e o esforço teórico da comunalidad. Também mencionarei a necessidade de descolonizar ainda mais o pensamento das ciências sociais e em especial o antropológico, uma disciplina que surgiu da necessidade de pensar as zonas de contato conflitivas criadas pelo colonialismo/imperialismo moderno. Terminarei apresentando a noção de pós-imperialismo como um instrumento heurístico utópico destinado a desestabilizar o par colonialismo/imperialismo.

'Tão invisível quanto o ar que se respira': O enraizamento histórico e social do debate sobre a descolonização da antropologia

Autoria: João Pacheco de Oliveira

O debate quanto a descolonização da antropologia pode ser enriquecido com o seu enraizamento histórico e social. Em um país como o Brasil, em que o poder desde a sua fundação se assentou sobre a escravidão, o exercício do trabalho compulsório e sobre o monopólio dos recursos naturais, os preconceitos étnico-raciais são tão invisíveis na produção científica e artística quanto o ar que se respira. Há poucas décadas a palavra descolonização pouco uso e significado tinha, à diferença por exemplo do contexto da Europa Ocidental, Índia e da África. Nos últimos anos tornou-se uma bandeira importante para os debates no interior da academia e nas pesquisas em andamento. Que fatores motivaram tal mudança de atitude? Trata-se somente de reflexo

do giro decolonial nas antropologias hegemônicas? Que usos sociais e políticos contrastantes a temática da descolonização pode inspirar e quais são os seus reflexos na Antropologia praticada no Brasil e na América Latina? Essas são as questões que buscarei discutir nesta breve comunicação.

A vida e a política dos conceitos

Autoria: Cristiana Bastos, -

Para esta Mesa-Redonda vou trazer algumas reflexões críticas sobre os usos, contestações e experimentações, por parte de pesquisadores, mídia, ativistas e públicos, de conceitos como raça, etnia, cultura, racializações, etnicidades, colonialismo, colonos, impérios, indígenas, nações, nativismos, etc. Para além de uma breve retrospectiva das flutuações destes conceitos na antropologia e disciplinas vizinhas, vou usar referências empíricas de largo espectro, incluindo Hawaii, Guiana, Suriname, Angola, estudados no contexto do projeto "The Colour of Labour - the racialized lives of migrants", e ainda, se o tempo o permitir, trazer referências de estudos anteriores na Europa, Estados Unidos e Brasil.

33ª Reunião Brasileira de Antropologia - RBA

A 33ª Reunião Brasileira de Antropologia (RBA) foi realizada de forma on-line, pela Associação Brasileira de Antropologia (ABA) e em parceria com a Universidade Federal do Paraná (UFPR), entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022.

Às vésperas do bicentenário da Independência política do Brasil, a entidade mais antiga das Ciências Sociais do país – Associação Brasileira de Antropologia (ABA) - realizou o evento que contou com a participação de mais de 2 mil pesquisadores/ pesquisadoras da Antropologia e área afins oriundos da América Latina, América do Norte, Europa e África.

A programação contou com: 76 Grupos de Trabalhos, 32 Simpósios Especiais, 54 Mesas Redondas, 05 Oficinas, 04 Minicursos, 04 Conferências, 06 Reuniões de Trabalho, Lançamentos de Livros, Atividades do Prêmio Pierre Verger (Mostras de filmes, ensaios fotográficos e desenho); Feira de Livros e diversas premiações (Prêmio Pierre Verger, Prêmio Lévi-Strauss, Prêmio Lélia Gonzales, Prêmio Heloisa Alberto Torres, Prêmio Antropologia e Direitos Humanos, Prêmio de Ensino de Antropologia, Prêmio de Divulgação Científica, além da Medalha Roquette Pinto).

A Reunião permitiu à comunidade antropológica reafirmar seus compromissos com os direitos dos povos indígenas, com as populações das periferias, com as comunidades quilombolas, LGBTQI+ e de favelas. Se tratou de um evento de primeira grandeza para a Antropologia nesses tempos em que os direitos básicos estão ameaçados, possibilitando a reflexão, o questionamento e o pensar sobre os desafios e dilemas da atualidade.

Realização:



Apoio:



Organização:

